



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional  
FIDENE-UNIJUI

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 14/07/2023 a 20/07/2023

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>14/07/2023</b>	14,95	430,00	67,89	6,41	5,99
<b>17/07/2023</b>	14,84	434,40	64,76	6,53	4,99
<b>18/07/2023</b>	14,92	442,70	64,05	6,70	5,28
<b>19/07/2023</b>	14,91	443,80	66,05	7,27	5,45
<b>20/07/2023</b>	14,95	440,50	67,64	7,27	5,37
<b>Média</b>	<b>14,91</b>	<b>438,28</b>	<b>66,08</b>	<b>6,84</b>	<b>5,42</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

<b>SOJA</b>		
RS – Panambi	<b>S/C</b>	
RS – Não Me Toque	<b>136,00</b>	
RS – Londrina	<b>130,00</b>	
PR – M.C.Rondon	<b>130,00</b>	
MT – C.N.Parecis	<b>110,00</b>	
MS – Maracaju	<b>128,00</b>	
GO - Rio Verde	<b>117,00</b>	
BA – L.E.Magalhães	<b>126,50</b>	
<b>MILHO(**)</b>		
Porto de Santos	<b>63,00</b>	CIF
Porto de Paranaguá	<b>60,00</b>	CIF
Porto de Rio Grande	<b>S/C</b>	
RS – Não-Me-Toque	<b>52,00</b>	
SC – Rio do Sul	<b>49,00</b>	
PR – M.C.Rondon	<b>47,00</b>	
PR – Londrina	<b>47,00</b>	
MT – C.N.Parecis	<b>34,00</b>	
MS – Maracaju	<b>39,00</b>	
SP – Itapetininga	<b>53,00</b>	
SP – Campinas	<b>57,50</b>	CIF
GO – Rio Verde	<b>41,00</b>	
GO – Jataí	<b>41,00</b>	
<b>TRIGO (**)</b>		
RS – Panambi	<b>S/C</b>	
RS – Não Me Toque	<b>66,00</b>	
PR – Londrina	<b>68,00</b>	
PR – M.C.Rondon	<b>66,00</b>	

Período: 19/07/2023

S/C=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 20/07/2023**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	<b>53,00</b>	<b>136,28</b>	<b>66,17</b>

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
20/07/2023**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	<b>82,25</b>
Feijão (saco 60 Kg)	<b>250,78</b>
Sorgo (saco 60 Kg)	<b>41,00</b>
Suíno tipo carne (Kg vivo)	<b>5,22</b>
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	<b>2,59**</b>
Boi gordo (Kg vivo)*	<b>9,02</b>

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Referência Maiol/23, cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, continuaram pressionadas pelo clima nos EUA, ao mesmo tempo em que o recrudescimento do conflito entre Rússia e Ucrânia veio se somar às tensões altistas sobre os grãos em geral. Neste último caso, no dia 17/07 a Rússia anunciou a sua retirada do acordo comercial feito com a Ucrânia, o qual permitia a este último país exportar seus grãos pelo Mar Negro mesmo durante a guerra. Em paralelo, os russos bombardearam instalações portuárias ucranianas. Com isso, a Ucrânia terá mais dificuldades em exportar seus produtos, particularmente trigo e milho.

Desta forma, o fechamento desta quinta-feira (20), para o primeiro mês cotado, ficou em US\$ 14,95/bushel, contra US\$ 15,18 uma semana antes. A destacar que a qualidade das lavouras estadunidenses de soja melhorou muito no relatório do dia 17/07, deixando a entender que o clima se ajustou, mesmo que parcialmente, por lá.

De fato, segundo o USDA, até o dia 16/07, o índice das lavouras entre boas a excelentes passou a 55%, contra 51% uma semana antes. Este índice superou, inclusive, as expectativas do mercado. No ano passado, nesta data, o mesmo estava em 61%. Por outro lado, 56% das lavouras de soja estavam em floração, contra 51% na média. Havia, também, 20% das mesmas na fase de formação de vagens, enquanto na semana anterior eram 10%.

Enquanto isso, os embarques de soja, por parte dos EUA, na semana encerrada em 13/07, somaram 155.556 toneladas, ficando aquém do esperado pelo mercado. Assim, o volume total embarcado, no atual ano comercial 2022/23, sobe a 49,9 milhões de toneladas, ou seja, 5% abaixo do registrado no mesmo período do ano anterior.

E pelo lado da demanda, a China talvez venha a comprar um volume maior de soja brasileira, entre setembro e dezembro, diante da expectativa de uma safra menor nos EUA, a partir dos problemas climáticos que estariam ocorrendo neste último país. O Brasil ainda tem muito grão para embarcar. A soja brasileira ainda continua competitiva. Para embarque em outubro, a mesma está sendo ofertada a 576 dólares a tonelada, incluindo custo e frete, para a China, enquanto os carregamentos dos EUA estão sendo cotados acima de 580 dólares a tonelada. Normalmente, os compradores estão dispostos a pagar prêmios de 12 a 15 dólares a tonelada pelos grãos brasileiros, que têm maior teor de proteína em comparação com a oleaginosa dos EUA. (Cf. IKON Commodities)

Por sua vez, a Associação Nacional das Processadoras de Oleaginosas dos EUA informou que o esmagamento de soja naquele país, em junho, ficou em 4,49 milhões de toneladas. O volume ficou abaixo das expectativas do mercado, que eram de 4,64 milhões de toneladas. Em relação a maio, o total também é menor, já que foram processadas 4,84 milhões de toneladas naquele mês. Mesmo assim, o esmagamento deste mês de junho foi maior em 0,2% ao registrado em junho do ano passado.

E no Brasil, com o câmbio voltando a cair abaixo dos R\$ 4,80 por dólar, em alguns momentos da semana, e prêmios negativos praticamente nos mesmos níveis das últimas semanas, foi a manutenção de cotações firmes em Chicago que auxiliou na melhoria dos preços internos. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 136,28/saco,

enquanto as principais praças trabalharam ao redor de R\$ 136,00. Já nas demais regiões brasileiras os preços oscilaram entre R\$ 110,00 e R\$ 130,00/saco. Assim, em relação aos piores momentos de mercado, ocorridos no primeiro semestre, a soja gaúcha já ganhou entre 16 e 17 reais por saco. Nas demais praças nacionais também houve ganhos, porém, em menor intensidade na maioria dos casos. Lembrando que no Rio Grande do Sul, devido às novas perdas na última safra de verão, a disponibilidade de soja é bem menor do que no restante do país.

Dito isso, a colheita de soja do Brasil, para a nova safra 2023/2024, deve alcançar um novo recorde, de 163,2 milhões de toneladas, com aumento de 4,5% na comparação com o ano anterior. O aumento da produção, em caso de clima normal, aconteceria devido ao crescimento anual de 2,5% na área plantada, a qual passaria para 45,6 milhões de hectares, também novo recorde. Mas devido aos preços bem mais baixos, o crescimento na área semeada nacional, com soja, será menor neste novo ano comercial. (cf. Safras & Mercado) Lembrando que, em seu relatório de oferta e demanda, divulgado no último dia 12/07, o USDA indicou uma futura safra de soja no Brasil em 163 milhões de toneladas.

Por sua vez, o Brasil deverá embarcar mais farelo de soja em 2022/23, devendo alcançar o recorde de 21,5 milhões de toneladas (ano comercial outubro/22 a setembro/23). Este aumento se dá em função da menor participação da Argentina neste mercado, pois a forte seca no vizinho país reduziu em muito a produção local da oleaginosa nas últimas safras (o processamento de soja na Argentina está estimado em apenas 30 milhões de toneladas, o menor dos últimos 18 anos).

Enfim, contrariando as expectativas mais otimistas indicadas anteriormente, outros analistas privados brasileiros estimam uma safra nacional de soja menor em 2023/24. Um dos números avançados é de 155,8 milhões de toneladas, já que a área semeada, segundo a fonte, aumentaria apenas 0,48% em relação ao ano anterior. Seria o menor aumento desde 2006/07. "A desaceleração na expansão vem pela dificuldade na projeção de rentabilidade para o próximo ciclo e pelo sentimento generalizado da contenção de riscos". (cf. Pátria AgroNegócios)

E pelo lado da exportação de soja brasileira, estima-se que julho feche com 8,8 milhões de toneladas vendidas ao exterior, contra 7 milhões efetivadas em julho do ano passado. Já os embarques de farelo de soja ficariam em 2,58 milhões de toneladas neste mês, acima dos 2,07 milhões de toneladas exportados há um ano. Especificamente em relação à China, em junho este país aumentou suas compras de soja brasileira em 31,6%, alcançando 9,53 milhões de toneladas. Os preços mais baixos da soja brasileira levaram a este movimento. A China também deve comprar um volume maior da oleaginosa do Brasil, do que o habitual, para setembro a dezembro, já que os preços dos embarques da nova safra dos EUA aumentam devido às expectativas de menor oferta. Os embarques da oleaginosa brasileira, no primeiro semestre deste ano, atingiram a 29,7 milhões de toneladas, dois milhões de toneladas acima do nível do ano passado. No entanto, os embarques dos EUA, no primeiro semestre, ainda são maiores do que no ano passado, em 19,7 milhões de toneladas, contra 17,54 milhões de toneladas verificadas no primeiro semestre de 2022.

## MERCADO DO MILHO

Diante de novos conflitos entre Rússia e Ucrânia, que levaram os russos a se retirarem do acordo comercial do Mar Negro, que permitia a Ucrânia exportar seus grãos por esta via, os preços do milho subiram fortemente nesta semana, saindo de US\$ 4,99/bushel no dia 17, para US\$ 5,45 dois dias depois. O fechamento desta quinta-feira (20) acabou ficando em US\$ 5,37/bushel, contra US\$ 5,93 uma semana antes, considerando que houve mudança de mês para a primeira cotação.

E isso, apesar de uma melhoria no índice de lavouras estadunidenses entre boas a excelentes, o qual passou, no dia 16/07, para 57%, contra 55% na semana anterior. Um ano antes este índice estava em 64%. Por sua vez, 47% das lavouras de milho estavam em fase de embonecamento, contra 22% da semana passada e 43% na média. Havendo ainda 7% na fase de formação de grão.

Pelo lado dos embarques estadunidenses de milho, na semana encerrada em 13/07 foram 363.818 toneladas embarcadas, ficando dentro das expectativas do mercado. Com isso, o volume total embarcado, no atual ano comercial, soma 33,9 milhões de toneladas, ou seja, 33% a menos do que o registrado um ano antes.

E no Brasil, apesar da B3 reagir ao movimento altista de Chicago, no mercado físico os preços do milho se mantiveram relativamente estáveis. A média gaúcha caiu para R\$ 53,00/saco, enquanto as principais praças locais ficaram nos R\$ 52,00. Já nas demais regiões brasileiras, o preço do cereal oscilou entre R\$ 34,00 e R\$ 53,00/saco. Enquanto isso, na B3, o fechamento do dia 19/07, para referência, registrou ganhos de quase 3% sobre a semana anterior, com os diferentes contratos registrando valores entre R\$ 59,39 e R\$ 69,30/saco.

“Sem a Ucrânia, os importadores devem migrar para outros players exportadores e o Brasil deverá ser o principal fornecedor de milho nos próximos meses, com preços competitivos e oferta abundante.” (cf. Agrinvest) Mas isso dependerá da continuidade desta postura russa em relação ao acordo do Mar Negro.

Por sua vez, no Brasil, a colheita da safrinha se aproxima dos 40% da área e logo mais haverá muito milho disponível, com o pico da oferta se estabelecendo entre agosto e meados de setembro. Isso pressionará para baixo, mais uma vez, os preços do cereal. (cf. Brandallizze Consulting)

No que diz respeito às exportações de milho, a Anec continua prevendo um total de 6,8 milhões de toneladas em julho, contra 5,63 milhões em julho de 2022.

Em termos estaduais, temos que a colheita de milho safrinha, no Mato Grosso, atingiu a 68,2% da área até o dia 14/07. Quanto à exportação, o acumulado do ano comercial julho/22 a junho/23, apresentou incremento de 58,4%, somando 26,4 milhões de toneladas naquele Estado. Entre os principais destinos do milho mato-grossense estão o Irã, liderando com 2,63 milhões de toneladas, seguido do Japão com 2,51 milhões de toneladas. Para o ano 2023/24 se espera uma exportação de 29,4 milhões de toneladas. (cf. Imea)

Já a colheita da safrinha, no conjunto do país, teria chegado a 40,1% no início da presente semana, contra 46,6% na média histórica para a data. (cf. Pátria AgroNegócio)

Quanto a futura safra de milho de verão, existe a expectativa de que o cereal perca área para a soja. Embora os custos de produção para a próxima safra tenham recuado bem, os atuais patamares de preço se mostram desestimulantes aos produtores para um avanço na área a ser cultivada. O plantio da primeira safra no Centro-Sul foi projetado em 4,08 milhões de hectares, cerca de 100 mil hectares a menos do que na safra anterior. Já a área da segunda safra, que responde pela maior parte da produção brasileira de milho, foi estimada em 15,4 milhões de hectares, também cerca de 100 mil hectares abaixo do registrado na temporada anterior. "Com isso, o potencial de produção, para a safrinha 2024, é estimado em 96,4 milhões de toneladas, abaixo do volume recorde esperado para este ano, de 100,2 milhões de toneladas". ( cf. Notícias Agrícolas)

Por sua vez, a Conab informa que a safra de verão estava com 97,1% da área colhida no final da última semana, enquanto a safrinha atingia a 39,3% da área, sendo o Mato Grosso com 67,7%, Tocantins 60%, Maranhão 50%, Piauí 28%, Minas Gerais 23%, Goiás 19%, Mato Grosso do Sul 7%, Paraná 4% e São Paulo 2%.

E no Paraná, a colheita da safrinha chegou a 6% da área total, enfrentando dificuldades climáticas (cf. Deral), enquanto no Mato Grosso do Sul a colheita da mesma atingia a 4,4% da área no dia 14/07, longe da média histórica de 16,7% para a data. Há muitas dúvidas quanto ao volume final a ser colhido neste Estado já que 54% das lavouras foram semeadas fora da janela ideal. Enfim, pelo lado do mercado o preço do saco de milho, no Mato Grosso do Sul, se desvalorizou 0,63% entre os dias 10 e 17 de julho, sendo negociado ao valor médio de R\$ 39,25. E até o início da presente semana apenas 31% da safra esperada havia sido comercializada. (cf. Famasul)

## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, dispararam nesta semana diante do recrudescimento do conflito entre Rússia e Ucrânia e o rompimento, por parte da Rússia, do acordo de exportação via o Mar Negro. Para piorar o quadro, os russos bombardearam, na quarta-feira, instalações portuárias e industriais da Ucrânia.

Assim, Chicago atingiu a US\$ 7,27/bushel no dia 19/07, a mais alta cotação há quase um mês. O fechamento da quinta-feira (20) acabou ficando igualmente em US\$ 7,27/bushel, contra US\$ 6,27 uma semana antes. Ou seja, em uma semana o bushel de trigo ganhou um dólar.

Dito isso, até o dia 16/07 a colheita de trigo de inverno, nos EUA, atingia a 56% da área semeada, contra 69% na média histórica naquela data. Já as condições do trigo de primavera, na mesma data, chegavam a 51% entre boas a excelentes, 35% regulares, 14% entre ruins a muito ruins.

Em paralelo, os Estados Unidos embarcaram, na semana encerrada em 13/07, 253.409 toneladas de trigo, ficando dentro das expectativas mínimas do mercado. Em todo o atual ano comercial 2023/24 as exportações somam 1,77 milhão de toneladas, ou seja, 16% menos do que no ano anterior, neste mesmo período, lembrando que para o trigo estadunidense o ano comercial começa em 1º de junho.

E na Europa, diante dos problemas no Mar Negro, os preços dos contratos futuros de trigo subiram igualmente. Por enquanto, com exceção de Chicago, a reação dos demais mercados ainda é modesta, pois existe a ideia de que a Rússia e a União Europeia possuem grandes estoques de trigo, os quais podem atender à demanda mundial nos próximos meses, com a chegada das colheitas. Além disso, a Ucrânia também pode exportar muito por terra, talvez cerca de um milhão de toneladas por mês. E o mercado já estaria esperando que o acordo comercial entre Rússia e Ucrânia não seria prorrogado.

Mas é fato que, por enquanto, o rompimento do acordo e os ataques russos às instalações portuárias ucranianas fez os preços do trigo e do milho dispararem novamente no cenário mundial. Com isso, a incerteza quanto a garantia de oferta global de cereais voltou a pairar sobre o mercado mundial dos grãos. Neste momento, pelo lado da Ucrânia, estão em jogo dois milhões de toneladas de milho por mês, um milhão de trigo, 120.000 de cevada e 120.000 de óleo de girassol. Ao mesmo tempo, segue a percepção do mercado de que se trata de muita especulação diante de todo o trigo que está sendo colhido neste momento em outras origens produtoras importantes, como Canadá e países da Europa. Assim, apesar de uma demanda global maior pelo cereal, a oferta também é mais robusta do que a da temporada anterior, o que ajuda a equilibrar o mercado. "Por falta de trigo não será que os preços vão subir nos próximos meses". (cf. Safras & Mercado)

E no Brasil, os preços do trigo se mantiveram estáveis, com leve viés de alta. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 66,17/saco, enquanto no Paraná os preços oscilaram entre R\$ 66,00 e R\$ 68,00/saco.

Destaque para a revisão da Conab, que indica, agora, uma futura safra brasileira de trigo em 10,42 milhões de toneladas, com alta de 6,7% em comparação ao relatório de junho, mas ainda com queda de 1,2% frente ao recorde da temporada passada. Já a iniciativa privada espera um aumento de 3% na nova safra do cereal, podendo a mesma atingir a 11,4 milhões de toneladas, a partir de um aumento de quase 7% na área semeada nacional, em relação a 2022. (StoneX)